

A música
das
nuvens

ARLENE DINIZ



mundocristão

Copyright © 2025 por Arlene Diniz

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (ARA), da Sociedade Bíblica do Brasil.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D61n

Diniz, Arlene

A música das nuvens / Arlene Diniz. - 1. ed. - São Paulo: Mundo Cristão, 2025.

432 p.

ISBN 978-65-5988-421-6

1. Ficção brasileira. I.Título.

25-96356

CDD: B869.3

CDU: 82-3(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição
Daniel Faria

Revisão
Camila Lima

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Gabrielli Casseta
Guilherme H. Lorenzetti

Ilustração de capa
Camila Gray

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Literatura
1ª edição: abril de 2025

*Para todos aqueles que já tiveram
o coração partido.*

*Acredite, existe Alguém que é especialista
em restaurar todas as coisas.*

Prelúdio

— Aquele é o 518! Corre, Alissa! — Samuel apontou para a frente e, sem perceber, jogou para trás o braço que segurava o guarda-chuva. *Bingo!* Uma das pontas acertou meu olho direito. Sufoquei um grito, meu globo ocular em chamas. Enxergar com os dois olhos debaixo daquele aguaceiro já estava difícil, só com um as coisas complicaram ainda mais.

Tínhamos que entrar logo naquele ônibus. Apertei um pouco mais as mãos ao redor das manoplas da cadeira de rodas e inclinei o tronco para a frente, reunindo um pouco mais de força ao empurrar. Se bem que, no fim das contas, não adiantava muito. O céu despencava em água e a calçada estava cheia de gente encharcada pelo temporal repentino, todos desesperados para ir para casa após a surpresa no fim do expediente.

Ninguém abriria caminho para nós.

— Licença, por favor.

As pessoas olhavam por cima do ombro e algumas arregalavam os olhos, se afastando o quanto podiam. Mas era muita gente. Quantas daquelas pessoas pegariam o 518? Eu não podia ficar sob aquele temporal com Sam, esperando o próximo ônibus. Demoraria no mínimo uns trinta minutos. Mexi os ombros, meio que para me certificar de que o case do meu violino continuava preso às minhas costas. *Ele não vai aguentar muito tempo debaixo dessa chuva.*

Quando já estávamos perto o suficiente do ponto do ônibus, parei ao perceber o rio de água que descia a toda velocidade pelo canto da rua e começava a invadir metade da calçada. As pessoas

se amontoavam pelo lado mais alto, querendo chegar ao ponto que ficava em um relevo mais à frente, onde havia uma fila de ônibus parados. Para chegar lá, havia uma pequena rampa, que agora funcionava como uma espécie de barreira para a água. Graças aos céus. O elevador do ônibus funcionaria normalmente.

Em compensação, chegar lá seria um problema e tanto. Como ultrapassar a multidão?

— Hoje não é o nosso dia, Alissa — Sam suspirou.

Olhei por cima do guarda-chuva do Homem-Aranha, para suas perninhas finas sentadas na cadeira e protegidas pela Bermuda até os joelhos. Estavam ensopadas.

Nossas terças e quintas nunca eram fáceis. Eu levava Sam para a fisioterapia e ia para a escola de música, que ficava perto do consultório. Ida e volta, uns bons vinte minutos cada. Isso quando o elevador do ônibus não dava algum problema ou o coletivo estava muito cheio e não nos deixavam entrar.

Eu não ia permitir que aquilo acontecesse hoje. Abri um sorriso, cheguei o guarda-chuva para o lado e abaixei o pescoço até perto do ouvido do Sam:

— Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades.

Seus olhinhos, pretos como duas jabuticabas, sorriram. O vento trazido pela chuva bagunçava levemente seus cachinhos cor de madeira.

— Modo Parker, ativar?

— Ativar!

Assenti com a cabeça e, com toda a seriedade que aquele momento exigia, apurmei o corpo. Tentei a melhor cara de dignidade que uma garota de dezessete anos conseguia com um olho meio fechado e o cabelo desgrenhado pela chuva. Então, coloquei dois dedos de cada mão entre meus lábios, e um alto e estridente assobio escapou por eles.

— Tem uma criança em cadeira de rodas aqui! — gritei. —
Abram caminho, por favor!

Ninguém moveu um pé. Tive que falar mais alto. Alguns olharam para trás e continuaram onde estavam. Outros me analisaram com aquela cara de “o que essa garota tá falando?”.

Inspirei fundo.

— Eu só preciso chegar ao ônibus e pedir ao motorista que abra a porta de trás, gente! Não vamos roubar o lugar de ninguém! — Fiquei na ponta do pé e estiquei o pescoço, como se isso fosse ajudar minha voz a chegar mais longe.

Nada.

Estalei a língua.

Toda vez isso.

— Caramba! Ninguém aqui tem coração? Ele só tem nove anos! É uma criança!

Começou com um cara. Depois uma mulher. E, aos poucos, as pessoas começaram a se apertar um pouco mais próximo ao muro, abrindo espaço para nós. Ainda não era o suficiente para passarmos longe da água, mas já era alguma coisa. Não atrapalharia muito.

A empolgação para finalmente tirar meu irmão daquele temporal me fez apertar o passo. Meus tênis encontraram a corrente de água acinzentada que descia aos montes pela calçada e, ao terminar de subir a rampa que levava ao ponto final, senti meu pé direito passar por cima de uma coisa pegajosa. Antes que conseguisse processar o que estava acontecendo, soltei as mãos da cadeira e, como um pássaro tentando alçar voo, bati meus braços enquanto caía de costas sobre aquela água turva e fedorenta.



Tirei a toalha do cabelo e passei o creme sobre os cachos molhados. Tuane dizia que eu precisava usar difusor para deixá-los

bem definidos. Eu não tinha lá muita paciência. Então, no fim, meu cabelo era aquela mistura castanha meio ondulada, meio cacheada e meio cheia que só eu entendia.

Levei ao nariz um punhado dos fios, que já iam quase até a cintura. O cheiro estava bom, pelo menos. Bem diferente do jeito como tinha chegado em casa. Um arrepio passou pela minha espinha ao me lembrar daquele líquido fétido entrando em cada fibra das minhas roupas e em cada fio dos meus cabelos. Mas o pior não era isso.

Meus olhos caíram sobre o case amassado em um canto do quarto. Sobre ele, meu violino descansava. Molhado e quebrado.

Engoli em seco. A apresentação de Natal aconteceria dali a dez dias. O que eu ia fazer? Não era como se eu pudesse pedir um novo para meus pais. Me abaixei perto do instrumento e passei as mãos sobre a madeira úmida.

— Oh, Olive... O que eu vou fazer? — Suspirei. — Eles vão me matar.

Um ranger característico informou que a porta da frente havia sido aberta. A voz fina de Samuel parecia um canhão lançando todos os acontecimentos emocionantes do dia aos quatro ventos. Acomodei com cuidado os pedaços do tampo partido do violino dentro do case e, após fechá-lo, saí do quarto.

— Aí a Alissa caiu de costas na água de esgoto!

— E você? — Os olhos da minha mãe se arregalaram. — Onde ficou?

— Ah, na parte de cima do ponto. Alissa soltou a cadeira antes de cair.

— Tem certeza de que não se machucou? — Ela passava as mãos pelos braços dele. Sam assentiu e pegou o controle do videogame para retomar a partida que jogava antes de nossos pais chegarem. — Você precisa tomar mais cuidado, Alissa. Imagina

se a cadeira tivesse ido com você? Samuel poderia ter se machucado feio!

— Tinha alguma coisa gosmenta no chão — respondi. — Com toda aquela chuva, foi difícil perceber.

— Você lembrou de levar a capa dele?

— O céu estava com meia dúzia de nuvens quando saímos.

— Cutuquei uma pele que saía do canto do meu polegar direito.

— Mas levei o guarda-chuva.

— Você podia ter esperado a chuva passar na fisioterapia.

— O temporal começou depois que já tínhamos saído. — Apertei as mãos nas costas. — Vou prestar mais atenção da próxima vez.

— Não haverá próxima vez. Pelo menos, não aqui. — Meu pai se sentou no sofá cinza com almofadas coloridas desbotadas e olhou para mim. — Você ficou bem?

Balancei a cabeça para cima e para baixo. Minha mãe também ocupou seu lugar no sofá, ao lado do Sam, uma ruga ainda profunda entre as sobrancelhas.

— Como assim, “não aqui”? — Sam parou o jogo de novo.

— Cecília, venha cá — meu pai chamou. Sempre antes de falar algum assunto sério, o senhor Venâncio passava as mãos pelo rosto castanho-avermelhado, seguindo até os cabelos ralos salpicados de branco, e impostava a voz como se fosse um mensageiro fúnebre. Era um pouco engraçado.

— Espera aí! — Foi o grito que veio de um dos quartos.

— Agora. — Dessa vez a voz dele foi tão firme e séria que Cecília apareceu na sala no segundo seguinte.

— Você é uma desastrada, hein... — ela sussurrou parando ao meu lado.

— E você nem saiu do quarto pra ajudar o Sam e eu quando chegamos.

— Ajudar no quê?

— Nós dois estávamos encharcados — resmunguei. — Eu fiquei uns trinta minutos para secar a cadeira dele com o secador de cabelo.

— Eu estava tirando uma soneca.

— Então como sabe que sou desastrada?

— Ouvi Sam contando agora, ué.

— Acredito. — Girei os olhos. — Antes você era ocupada porque estudava para o Enem, agora é ocupada fazendo nada.

— Chega! — A voz do meu pai calou nós duas. — Recebi uma oferta de trabalho. Vamos nos mudar para o litoral daqui a três dias.

— Três dias?! — Cecília, Sam e eu falamos ao mesmo tempo.

— Mas e a minha formatura? — Cecília ficou mais branca do que o normal. — E a faculdade? Em janeiro sai o resultado do Enem!

— A apresentação de final do ano da escola de música é semana que vem. — Engoli com dificuldade.

Com que violino, Alissa?

— Litoral? — Cecília soltou um riso nervoso. — A Barra da Tijuca é cheia de praias!

— Litoral sul do estado — minha mãe respondeu. — A vaga é em um condomínio de ricos perto de Paraty, Angra dos Reis, aqueles cantos. Village, o nome. Fica perto de uma cidade pequena chamada Ponte do Sol. Seu pai vai ser caseiro e eu, funcionária doméstica.

— Perto da praia? *Yes!* — Samuel fez um gesto de vitória com os braços.

— Mas é muito longe! — Minha mente tentava processar a informação.

Nós morávamos em Campo Grande, na zona oeste do Rio de Janeiro. Uma vez, a família da Clara foi passar um fim de semana na Ilha Grande. Umas três horas de viagem dali até o litoral sul.

Espera. Me mudar para tão longe significava não estar perto de Clara e Tuane! O que eu faria sem minhas duas melhores amigas?

— Eu não vou! — bradou Cecília. Por mais que eu quisesse fazer o mesmo, sabia o quanto meu pai estava desesperado em busca de trabalho. Cinco meses desempregado e ele já tinha perdido quase dez quilos.

— Você não tem escolha. Nenhum de nós tem. — Meu pai encostou os braços sobre as pernas e cruzou as mãos. — Vocês sabem pelo que temos passado. Não dá pra viver de bicos. Samuel precisa da fisioterapia e dos remédios. Eu preciso trabalhar. Os salários que nos ofereceram lá são bons e não vamos precisar pagar aluguel, já que vamos morar na propriedade.

Comecei a cutucar o canto do polegar de novo. Dessa vez, com os dentes. Se os salários eram bons... *Meu violino.*

— Acumulei tantas dívidas nesses meses que não sei o que seria de nós sem esse trabalho agora.

Minha chama de esperança mal se acendeu e já foi apagada. Pisquei os olhos, a dificuldade para assimilar tudo aquilo me impedindo de prestar atenção direito ao resto da conversa. Quando me virei para voltar ao quarto, após meus pais explicarem como tudo seria dali para a frente, ouvi o senhor Venâncio perguntar:

— Alissa, Sam disse que você caiu de costas. E o violino?

Desviei o olhar para o chão.

— Está bem.

— Lá deve ter uma escola de música municipal como aqui.

— Ele esticou o canto dos lábios em um projeto de sorriso. Eu meneei a cabeça e, com os ombros caídos, voltei para o quarto.

I

6 meses depois

Não havia quase ninguém nas ruas, como sempre. O céu azul não carregava nenhuma nuvem, e meus pés formavam um círculo borrado enquanto eu pedalava como se minha vida dependesse disso. E, de certa forma, dependia. Aquelas corridas clandestinas pelas ruas impecáveis do Village eram o ponto alto dos meus dias. O que me deixava feliz de verdade.

E, ah, só eu sabia como estava precisando de um pouco de felicidade.

O barulho característico das rodas quando parei de movimentar os pés, permitindo que o restante do último impulso me levasse para a frente, indicava que meu destino estava próximo. Um frio tomou minha barriga antes que eu desse uma olhada ao redor. *Barra limpa.*

Essa era uma das vantagens de morar em um condomínio de ricos no litoral. Muitas casas só eram abertas aos finais de semana, feriados e férias. E quanto às pessoas que moravam ali... bem, ninguém ficava preocupado com o que os outros estavam fazendo.

Antes que as rodas parassem por completo, pulei da bicicleta e a encostei no meio-fio. Passei as mãos pelo cabelo e meus dedos engancharam. *Droga.* Embora eu amasse, nem sempre era uma boa ideia andar com meus cachos ao vento. Eles tinham uma estrutura tão fina que se emaranhavam muito facilmente.

Juntei tudo em um coque no alto da cabeça e corri para trás da construção de tijolos vermelhos com teto colonial, cercada por uma grama mais lisa que o tapete da sala de muita gente.

— Finalmente! — O sorriso dele sacudiu meu peito. Eric me esperava com seus braços cruzados e topete castanho-claro encostado na porta dos fundos do salão de jogos que quase ninguém usava no condomínio. Exceto nós dois.

— Tive que arrumar uma desculpa convincente para minha mãe. — Passei os braços ao redor do pescoço dele, que me brindou com um beijo. — Acabei de chegar da escola com Sam. O horário do almoço é sempre uma correria quando dona Verônica está por aqui. E, ultimamente, ela sempre está por aqui. — Bufei.

— Deixa a dona Verônica pra lá e vamos aproveitar o restinho do meu tempo. Daqui a pouco já tenho que voltar para a administração. — Eric envolveu meu rosto com as mãos e me beijou outra vez. Eu amava olhá-lo de perto. Ele tinha traços marcantes e seus olhos eram azuis como duas piscinas. — Você está mais bronzeada, minha linda. Pegou uma praia? Nem me chamou.

Dei uma risada. Olhei para meus braços, que tinham ganhado um tom marrom mais dourado e profundo. Ainda ardiam um pouco. Desde que tinha ido para o Village, minha melanina estava mais em alta do que nunca.

— Como se a gente pudesse ir junto. — Apertei a bochecha dele de leve. — Minha praia foi ter ficado no sol de meio-dia lavando vidraças com a minha mãe ontem. Não tive aula nem pude curtir. Verônica vai receber visitas este fim de semana e reclamou que as vidraças que limpamos semana passada já estavam sujas. — Mexi os ombros. — Ainda estou meio dolorida.

Eric começou a massagear meus ombros quando o ruído de uma buzina soou na rua. Ergui o pescoço, alerta.

— Será que é alguém vindo pra cá? Não se escutam buzinas o tempo todo por aqui.

— Alissa, calma. — Ele riu. — Eu trabalho aqui. Sei muito bem quais são os lugares seguros. Você acha que escolhi este aqui como nosso cantinho especial à toa? — Ele abriu um sorriso de canto e me puxou para junto de si mais uma vez. — Mas, diz aí, esse frio na barriga acaba deixando as coisas muito mais empolgantes, não é?

Sorri, ainda esticando os olhos na direção de onde tinha vindo o barulho, e meu celular vibrou no bolso da calça jeans. A palavra “MÃE” piscava na tela. Eric revirou os olhos.

— Foi mal. Preciso atender.

Apertei os lábios e levei o aparelho ao ouvido.

— *Alissa, cadê você? Já comprou a cartolina? Preciso que você apronte o almoço do Samuel!*

— Estou quase chegando. Em dois minutos chego aí.

O silêncio do outro lado indicava que ela havia desligado. Suspirei e voltei os olhos para Eric. O rosto dele se contraiu em desdém.

— Preciso ir. — Pedi desculpas com o olhar.

— Me dá cinco minutinhos?

— Só se for para ficar sem pescoço quando me encontrar com a dona Ana. — Dei alguns passos, mas Eric segurou meu pulso.

— Você pensou sobre a... — Ele hesitou por um momento. — Aquilo que pedi?

Estreitei os olhos e, de repente, lembrei. Minhas bochechas ficaram quentes.

— Não sei, Eric. — Baixei os olhos. — Acho que não me sinto confortável.

— Nem por mim? — Ele formou um biquinho com os lábios. Olhei para ele por um instante.

— Vou pensar.



O condomínio era grande, e Eric escolhera o ponto de encontro mais distante possível de onde eu morava. O que significava que quando eu precisava voltar às pressas — o que era basicamente sempre — quase chegava com falência dos pulmões em casa. Eu morava na parte mais à esquerda do condomínio, uma das últimas casas antes do paredão de pedra e vegetação que nos separava do hotel de luxo que ficava ao lado. O salão de jogos quase abandonado ficava no canto direito, próximo a um enorme e bem cuidado bosque que me dava um pouquinho de calafrios à noite.

Uma brisa fresca vinda do mar cortou o caminho entre as casas e beijou meu rosto. Apesar da pressa, inspirei fundo. O sol estava alto, mas havia algo diferente no ar. Era como se o outono tivesse finalmente reivindicado seu lugar no altar das estações, começando a preparar o caminho para o inverno.

Apertei o freio com força em frente ao portão de madeira dos fundos e corri para dentro. Passei pelo caminho de pedras que levava até a parte mais baixa da propriedade, onde ficava a mansão de Verônica, e virei para a direita entrando na varanda da pequena residência do caseiro, quase ao lado do portão.

— Li, estou com fome — Sam reclamou quando me viu passar pela varanda na frente da casa para guardar a bicicleta na lateral. Abri a porta da sala, e os olhos famintos dele me fitaram. Ele estava sentado no meio da sala, e seus dedos pararam de se mexer sobre o controle do videogame. Senti uma alfinetada na consciência por ter saído justo àquela hora.

— Cadê a cartolina que você foi comprar?

Arregalei os olhos.

— Ah, pois é... Não tinha na loja. — Cocei atrás do pescoço.

— O que tem de almoço hoje? — ele mudou o assunto e, aliviada, soltei o ar.

— O mesmo da janta de ontem. — Passei a mão sobre seus cachinhos e fui para a cozinha, separada da sala por uma pequena mureta.

— Ah, estou enjoado de comer frango desfiado.

— É bom que sobra. Estava querendo fazer um sanduíche para comer mais tarde mesmo. — Sorri e ele revirou os olhos.

— Eu queria mesmo era filar um daqueles rangos chiques que mamãe prepara ali. — Os olhos dele se esticaram sobre a janela para o imóvel impecável, separado de nós por mais de cem metros de gramado bem cuidado. Àquela hora, mamãe devia estar correndo de um lado para o outro na enorme cozinha de Verônica. O que me lembrou que eu tinha que ser rápida. Ela precisava de ajuda.

Comecei a colocar as coisas no fogão, e o ruído das rodas me fez olhar para trás. Sam manobrava sua cadeira para vir à cozinha. Era uma tarefa tranquila, já que não havia tapetes nem outros objetos que pudessem atrapalhar sua mobilidade. Na pequena sala, só havia o mesmo sofá cinza com almofadas coloridas e desbotadas que nos acompanharam em nossa sala no Rio de Janeiro por quase dez anos. E um rack com tevê.

Sam se aproximou da mesa da cozinha, que, apesar de ter seis lugares, só tinha quatro cadeiras. Duas tinham quebrado na mudança. Também, pudera. Fora tudo tão às pressas que meu pai arrumou um caminhão duas vezes menor do que a quantidade de coisas que a gente tinha e fizera tudo caber lá dentro assim mesmo. E já fazia seis meses que tínhamos dado tchau para o calor do Rio de Janeiro e sido abraçados pela brisa salgada do Village.

Terminei de aprontar o almoço, coloquei um prato diante de Sam na mesa e engoli algumas colheradas em pé mesmo.

— Senhor Venâncioooo! — Aquela voz estridente ecoou pelo gramado e ultrapassou com tudo as paredes da casa. Bem, talvez

“abraçados” não fosse a melhor palavra para descrever a nossa recente vida no litoral.

— O que ela vai pedir agora? — Sam resmungou. — Papai não tem um minuto de paz.

— Talvez tenha um marimbondo voando por uma das salas. Ou alguma lâmpada tenha queimado no deck. Ou talvez ela só esteja gritando o nome dele porque não sabe fazer outra coisa.

Samuel deu uma risada tão alta que quase me engasguei com o frango desfiado. E, assim, teve início uma crise de riso que terminou com rostos vermelhos e lágrimas nos cantos dos olhos.

— Ai, socorro, mamãe deve estar atolada até o pescoço. — Lavei meu prato depressa e dei um beijo no alto da cabeça do Sam. — Termina de comer e pode deixar o prato na mesa. Qualquer coisa é só me ligar.

Troquei o uniforme da escola por uma calça jeans, blusa e tênis brancos — exigências da dona Verônica — e corri gramado abaixo. Minha mãe precisava preparar o café da tarde e o jantar para uma multidão de quinze pessoas que chegaria a qualquer momento.



O relógio marcava mais de sete da noite quando entrei em casa. Sam tirou os olhos do videogame por um instante para olhar para mim.

— Você está acabada.

— Obrigada pelo elogio. — Desabei sobre o sofá. Minha mãe e meu pai, com os ombros curvados, entraram logo depois. Ele passou pela sala e correu para as panelas. Depois de mexer com tanta comida, eu já havia perdido a fome.

— Essas visitas mal chegaram e eu já estou louca para ir embora. — Minha mãe caiu ao meu lado.

— Acho que dona Verônica deve ir com eles no domingo — meu pai falou da cozinha.

— Ir embora? Duvido. — Soltei um bocejo. — Teoricamente, era para vocês cuidarem da casa durante a semana enquanto ela não estivesse aqui e aos fins de semana, enquanto estivesse. Mas, desde que a gente chegou, ela vive aqui o tempo todo!

— Alissa. — O tom do meu pai era baixo e grave. — A casa é dela. Dona Verônica pode ficar aqui o quanto quiser.

— Eu sei, pai, mas o problema é que quando está aqui ela faz vocês trabalharem mais de doze horas por dia! — Ergui as mãos e as joguei contra minhas pernas. — Não foi isso que o marido dela disse pra você quando ofereceu o emprego.

— Eles não são mais casados, por isso ela fica mais por aqui agora. Você sabe. — Minha mãe suspirou.

— Pois é, quem aguenta aquela mulher?

— Alissa! — os dois exclamaram ao mesmo tempo.

A porta da sala se abriu e Cecília, enfim, apareceu. Como ela conseguia manter aquele cabelo lambido sem nenhum frizz mesmo depois de um dia inteiro na rua? E aquelas bochechas que, mesmo claras e sem maquiagem, tinham a cara da saúde? Se eu me olhasse no espelho naquele momento, certamente ia estar com cara de quem tinha morrido e esquecido de cair.

— Oi, filha! Como foi o curso hoje? — minha mãe perguntou.

— Nada de mais. Estou louca por um banho. — Ela jogou a mochila num canto, *simpática* como sempre, e foi se encaminhando para o banheiro.

— Espere aí, Cecília. — A voz de papai fez com que ela parasse. — Quero lembrar uma coisa a você e sua irmã.

Fui até a mureta que separava a sala da cozinha e o vi cruzar as mãos sobre o prato já consumido pela metade.

— Como Alissa bem sabe, a casa da dona Verônica está cheia este fim de semana. Isso significa que são pessoas da confiança dela. E se vocês forem ajudar sua mãe nos serviços, quero que não se esqueçam das regras. — No segundo de pausa que ele deu em seu discurso, contive a vontade de revirar os olhos. Ele não precisava dar aquelas orientações a Cecília. Ela nunca ajudava minha mãe em nada. — Eles não são reis, mas trabalhem como se fossem. E vocês não têm ouvido nem boca. Disso depende o nosso sustento e nossa permanência aqui. E, meninas, por favor, qual é a regra número dois?

— Nunca, em hipótese alguma, deem confiança para um morador ou hóspede do condomínio — Cecília e eu respondemos em unísono, com a voz entediada. Já tínhamos ouvido aquilo tantas vezes que tínhamos decorado com exatidão as palavras de papai.

— Posso tomar banho agora? — Cecília apontou com o polegar em direção ao banheiro. Meu pai assentiu e eu ri por dentro. Senhor Venâncio se preocupava à toa. Não era como se algum cara rico fosse prestar atenção em nós.

E nem como se eu fosse prestar atenção em algum deles. Meu coração já tinha dono, e eu já estava muito satisfeita com isso.